



FUTUROS IMAGINÁRIOS

Mário H. K. Pelicer*

Com referências como George Orwell, Theodor Adorno, Duncan Campbell, Gilles Deleuze, Karl Marx, Michel Foucault, Marshall McLuhan, John Neumann, entre outros, Richard Barbrook traz uma leitura diferente sobre novas tecnologias, aliando o poder que estas têm nos dias de hoje com o pensamento humanitário de esquerda.

O livro *Futuros imaginários* trata da história das novas tecnologias que atingiram todos os tempos, como a Revolução Industrial, a indústria automobilística, a informática e a internet. O autor faz referência a vários pensamentos, tanto àqueles que defendem as máquinas como único recurso para o futuro quanto aos que defendem a importância de novas tecnologias, mas sem nos esquecermos da importância do ser humano.

Barbrook divide o livro em quinze capítulos cujos títulos definem o roteiro que o autor está traçando. Richard Barbrook traz, nesse livro, muitas informações sobre o desenvolvimento da tecnologia e dos pensadores que a ajudaram a chegar ao ponto em que está hoje. Além dos capítulos, a versão brasileira possui uma introdução própria escrita pelo próprio autor que situa a importância do Brasil em meio a esse desenvolvimento dos Estados Unidos. Em 448 páginas entre escritos, imagens e bibliografias, o autor explora um tema de extremamente importante para a nossa sociedade.

Na introdução brasileira, relata sobre a importância de ter visitado o país para escrever o livro, pois, para entender alguns pontos do resqúicio da guerra fria, ele precisou ver como a briga do norte respingou no sul. Quando criança vai até a feira mundial em Nova York, em 1964, com a família. Relembra suas aulas, o juramento a bandeira e o ensinamento de que os Estados Unidos foram heróis e a Inglaterra, vilã, em 1776, na Revolução Americana. Lembra-se também de coisas boas e evoca como é ser uma criança em um país estrangeiro. Relata que, por ser pequeno, não percebia o lado sinistro que havia naquele país.

Descreve como o futuro de hoje, apesar de ser diferente do passado, tem muitas semelhanças, principalmente em relação aos futuros imaginados que poderiam se concretizar.

* Graduado em Canto Erudito pela Faculdade de Música Carlos Gomes e mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Realiza trabalhos de pesquisa na área musical e é professor de música do estúdio Versátil em Itatiba, São Paulo.

Cada passo para as tecnologias era um progresso para o fim principal, no caso de 1964, as inteligências artificiais. O autor trata no livro das tecnologias do passado e como elas também já foram futuros imaginários e como hoje as vemos como uma rotina. Também fala sobre a importância de as tecnologias serem mostradas ao público durante a guerra fria e sobre os gastos do governo norte-americano junto à IBM para o desenvolvimento de tecnologias visando à guerra. Mas, para esconderem esse gasto que visava apenas à guerra, os Estados Unidos trouxeram até a feira mundial os seus produtos imaginários como carros que voam até a Lua, tornando assim todo cidadão um astronauta (herói da época), robôs que exercem funções que os norte-americanos não queriam mais realizar, entre outras coisas que mostravam que o país se preocupava com os seus cidadãos mais do que com a guerra.

Barbrook também trata de um lado interessante dessa história, onde existe um conflito entre o pensamento de direita e uma esquerda diferente da que acontecia na Rússia, a esquerda da guerra fria. A guerra fria ficou no imaginário, mas serviu para que os Estados Unidos controlassem o seu país e os aliados por meio do medo que foi colocado. Qualquer tipo de socialismo era proibido nos Estados Unidos, e a esquerda era vista como o inimigo. Os comunistas estavam divididos entre Stalin e Trotsky. Os que defendiam Trotsky diziam que o socialismo nem sempre foi stalinista e, com base nisso, tentaram defender seu ideal; já a esquerda foi manchada pelos stalinistas e, por causa disso, considerada anti-Estados Unidos. Esquerda da guerra fria foi um movimento político que desenvolveu uma forma patriótica mais radical de defender o socialismo. Com isso, os Estados Unidos tiveram que desenvolver propagandas a seu favor, chegando ao ponto de contratar alguns socialistas para desenvolvê-las.

Em meio a isso, um professor de língua inglesa, chamado Marshall McLuhan, escreve um livro sobre a importância das tecnologias e cria um pensamento que reflete o afastamento que os meios de comunicação causaram nas pessoas, as quais deveriam viver da tecnologia, desde que esta fosse capaz de unir os seres humanos e não de afastá-los. McLuhan não pertencia ao meio acadêmico, e, por isso mesmo, seu livro vendeu muito entre as pessoas. O autor vê que, nos dias de hoje, poucos futuros imaginários se concretizaram e que existem outros desses futuros imaginários que não sabemos se realmente vão se concretizar. E aqueles que não observam esses futuros de forma correta e crítica tendem a repeti-los, tornando a nossa história um ciclo vicioso.

Um livro excelente, tanto para os fascinados por tecnologias quanto para os que não se interessam pelo assunto. Barbrook trabalha com o assunto de forma clara e agradável. Não trata de termos técnicos, mas apresenta a tecnologia com um olhar mais interessante, relaciona fatos históricos com o nosso presente e deixa clara sua visão esquerdista, em que as máquinas fazem parte do nosso dia a dia e têm grande importância, mas não devem ser colocadas acima dos humanos nem desuni-los.

Richard Barbrook desenvolveu estudos para o bacharelado em Serviço Social e Ciência Política no Downing College e Cambridge, é mestre em Comportamento Político na Universidade de Essex e doutor em Política e Governo pela Universidade de Kent. Já trabalhou com transmissões de rádio pirata para comunidades, e desenvolveu um trabalho de regulamentação da comunicação social pela Universidade de Westminster, onde lançou alguns trabalhos em 1995. Desenvolveu grandes trabalhos pela mesma universidade e foi coescritor do roteiro do filme *O jogo da guerra*.

BARBROOK, R. *Futuros imaginários*. São Paulo: Peirópolis, 2009. 448 p.